

A TERMINOLOGIA DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL NA PERSPECTIVA DO AGRICULTOR E DO AGRÔNOMO: ORALIDADE E ESCRITA EM QUESTÃO

Luís Henrique Serra*
Mariângela de Araújo**

Resumen: Este estudio tiene como objetivo comparar la terminología utilizada por el agricultor con la utilizada por los técnicos y observar en qué medida difieren o son similares. Dado que muchos agricultores no tienen ninguna educación, para estudiar la terminología utilizada por este grupo ha sido necesario utilizar un corpus compuesto por textos orales; todavía, el agrónomo utiliza una gran cantidad de textos escritos para la comunicación entre pares. Así se formaron dos corpora: un escrito y otro oral. En este sentido, el estudio está basado en los principios teóricos de la Lingüística Textual, sobre todo en cuanto a las distinciones entre oralidad y escritura. En este artículo, se demuestra cómo era posible hacer frente a este reto así como las conclusiones teóricas y metodológicas utilizadas para manejar la relación entre las terminologías de los dos grupos de expertos. El estudio está basado en los supuestos teóricos y metodológicos de la Teoría Comunicativa de la Terminología y de la Lingüística Textual con el fin de ser capaz de proponer un continuum terminológico de la caña de azúcar.

Palabras-clave: Terminología; caña de azúcar; Lingüística Textual; oralidad y escritura; continuum terminológico

Resumo: Este estudo parte de outro mais amplo denominado “O universo terminológico da cana-de-açúcar em duas perspectivas: o agrônomo e o agricultor”. O estudo tem como objetivo comparar a terminologia utilizada pelo agricultor com a utilizada pelo técnico e observar até que ponto elas se diferenciam ou se assemelham. Tendo em vista que muitos dos agricultores não têm formação escolar, para se estudar a terminologia utilizada por esse grupo teve-se de utilizar um corpus constituído de textos orais; em contrapartida o agrônomo utiliza-se muito dos textos escritos para a comunicação entre pares. Assim, constituíram-se dois corpora: um escrito e outro oral. Nesse sentido, o estudo buscou auxílio nos pressupostos teóricos da Linguística Textual, sobretudo os referentes às distinções entre oralidade e escrita. Neste estudo, demonstra-se como foi possível encarar esse desafio e as conclusões teóricas e metodológicas utilizadas para tratar a relação entre as terminologias dos dois grupos de especialistas. O estudo parte dos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia e da Linguística Textual pelos quais se chegou à proposta de um contínuo terminológico da cana-de-açúcar.

Palavras-chave: Terminologia; cana-de-açúcar; Linguística Textual; oralidade e escrita; contínuo terminológico

Abstract: This study aims to compare the terminology used by the sugarcane agriculturist with the one used by the specialist agronomist in this cultivation and to observe in what extent they are different or similar. Taking into consideration that many agriculturists do not have formal education, to study the terminology used by this group, a corpus composed of oral texts had to be used; in contrast, the agronomists use a lot of the written texts to communicate between peers. Thus, two corpora were formed: one written and another oral. In this sense, the study sought support in the theoretical assumptions of Text Linguistics, mainly the ones concerning the distinctions between orality and writing. In this study, we demonstrate which theoretical and methodological options were used to discuss the relation between the terminologies used by the two expert groups and the conclusions that could be reached. The study came from the theoretical and methodological assumptions of the Communicative Theory of Terminology and of the Text Linguistics from which the proposal of a terminological continuum of sugarcane came.

Key-words: Terminology; Sugarcane; Text Linguistics; Orality and writing; Terminological continuum

Cómo citar este artículo: SERRA, Luís Henrique; ARAÚJO, Mariângela de. A terminologia da cana-de-açúcar no Brasil na perspectiva do agricultor e do agrônomo: oralidade e escrita em questão. *Debate Terminológico*. No. 13, Junio. 2015; pp. 54-66

1. Introdução

Este estudo parte de outro mais amplo, que observa a variação denominativa na terminologia da cana-de-açúcar em língua portuguesa. O estudo busca investigar a variação nessa área especializada quando se comparam dois especialistas com tipos de conhecimento diferentes, o agrônomo e o agricultor. A

* Doutorando, Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: luis.serra@usp.br

** Universidade de São Paulo. E-mail: araujomar@usp.br

pesquisa busca observar a terminologia utilizada pelos dois especialistas e analisar até que ponto elas se diferenciam e se assemelham, ou ainda, até que ponto um influencia a terminologia do outro. Tendo em vista que os micro- e pequenos agricultores não utilizam textos escritos, uma vez que grande parte deles são semi-analfabetos, e os agrônomos utilizam-se muito do texto escrito para fazer circular seu conhecimento entre pares, este estudo comparativo se depara com um importante e inovador desafio, que é o de comparar *corpora* com materializações diferentes. Deve-se ressaltar aqui que, apesar de os agrônomos também comunicarem seus conhecimentos por meio de textos orais, neste estudo, devido ao tempo disponível para sua realização (dois anos), não foi possível coletar esse material, pois demandaria, além de toda a aplicação da metodologia terminológica e a análise, a pesquisa de campo e a realização de transcrições – esse trabalho já havia sido realizado referentemente ao *corpus* dos agricultores, uma vez que é resultado de uma pesquisa desenvolvida anteriormente pelo primeiro autor deste artigo¹. Assim, decidiu-se trabalhar com os textos escritos disponíveis na Internet para a constituição do *corpus* referente à terminologia dos agrônomos. A intenção deste trabalho era o de averiguar a variação existente entre a terminologia de dois grupos socioprofissionais diferentes que trabalham com o mesmo objeto, no entanto não se pôde deixar de refletir sobre o fato de se ter em mãos textos cuja materialidade era distinta.

Nesse ponto, o trabalho, que tem um caráter terminológico, teve a necessidade de debruçar-se sobre questões da Linguística Textual, sobretudo com relação à dicotomia oral x escrito. A Terminologia, há muito, como disciplina científica, vem se preocupando com o texto como habitat natural dos termos (KRIEGER, 2004, p.327), sendo ele um dos principais responsáveis pela configuração de um termo; em outras palavras, isso significa dizer que um termo tem as mesmas características morfológicas de uma palavra e, por isso, só o contexto no qual ele é utilizado pode identificá-lo como uma unidade lexical empregada com significação especializada. Vale notar que para a Terminologia, um termo é, na verdade, uma unidade lexical utilizada nas comunicações especializadas.

Neste estudo, são apresentadas algumas reflexões feitas a partir da relação entre as disciplinas Terminologia e Linguística Textual, bem como, a linha teórica criada na Terminologia a partir dessa relação. Busca-se refletir como é possível comparar *corpora* especializados de natureza e materializações diferentes e como podem ser encaradas essas diferenças. Por fim, apresenta-se uma proposta de um contínuo terminológico no qual é possível observar uma continuidade no uso da terminologia pelos diferentes grupos socioprofissionais, uma vez que o contato entre os agricultores e os agrônomos, apesar de suas experiências e conhecimentos diferentes sobre a área, leva a uma aproximação e interferências no uso da terminologia.

2. A Linguística Textual e a Terminologia: uma relação produtiva

As teorias terminológicas, nos últimos tempos, vêm passando por profundas reformulações após a constatação de que uma terminologia, ou seja, o conjunto das unidades lexicais com conteúdo especializado de uma área do saber, podem variar, assim como as outras unidades do léxico geral, muito embora por fatores diferentes. Essa constatação trouxe à baila inúmeras reflexões que verificam no termo, unidade terminológica, características semelhantes às de unidades comuns do léxico. As reflexões sistemáticas pelas quais vem passando a Terminologia têm mostrado que o contexto comunicativo, ou seja, o discurso especializado é um dos principais pontos de partida para que se analise uma unidade terminológica. Nesse sentido, a Terminologia entende que:

*O texto especializado apreende e exprime o conteúdo especializado e as unidades lexicais predominantes nele são os termos. O termo é uma unidade lexical (...) definida dentro do texto especializado, onde aparece com ocorrência integrada à tessitura do texto.*² (KOCOUREK, 1991, p. 71)³

¹ Serra, 2011.

² *Le textes savants saisissent et expriment le contenu savant, dont les unités sémantiques dominantes sont les termes. Le terme est une unité lexicale (...) définie dans les textes savants, où apparaissent ses occurrences intégrées dans le tissu du texte.*

³ Todas as traduções apresentadas neste artigo são de responsabilidade dos autores.

Desse modo, o texto configura-se como um tema importante dentro dos estudos descritivistas da Terminologia.

A Terminologia é uma disciplina eminentemente transdisciplinar, visto que faz face com outras disciplinas científicas, sobretudo quando essas disciplinas são alvo de estudo terminológico. Como disciplina científica, tem relações importantes com a Filosofia da Ciência, a Linguística, a Comunicação e a Ciência da Informação. Em sua relação com a Linguística, a Terminologia absorve muitos dos princípios de análise da linguagem, sobretudo as relacionadas ao léxico, como a Morfologia, a Semântica e a Morfossintaxe. No entanto, a relação com a Linguística vai muito além dos aspectos lexicais, sendo o aspecto textual e comunicativo um novo horizonte sendo analisado. Embora recente, o interesse da Terminologia pelo aspecto textual vem sendo incrementado a partir da década de 80 do séc. XX (cf. CIAPUSCIO, 1988; 1989; 1998; 2003). A Teoria Comunicativa da Terminologia, desenvolvida na década de 90, embora não seja uma teoria relacionada à Terminologia Textual, para sustentar seus princípios sobre variação, por exemplo, preconiza: “*A coleta exaustiva de um corpus heterogêneo de textos especializados é o melhor argumento para defender que a sinonímia faz parte da comunicação especializada*”⁴. (CABRÉ, 1999, p. 140).

Sendo assim, o interesse pelo texto fez com que aparecessem novas perspectivas de análise da unidade lexical, fundando linhas de pesquisa como a Terminologia Textual, que tem profunda relação com a Linguística de Texto. Estão na esteira das preocupações da Terminologia Textual, problemáticas como: a definição do que é um texto especializado ou não, definir o nível de especialização de um texto, como se dá a especialização de um texto, a materialização do texto especializado, a adaptação de um texto profundamente especializado para o público leigo, entre outras problemáticas que são analisadas a partir das unidades lexicais do texto especializado. Nesse sentido, Ciapuscio entende que: “*A noção de especialidade deveria poder ser definida a partir de um estudo linguístico e estrutural dos textos*”⁵ (CIAPUSCIO, 1998, p. 3).

Buscando cumprir com seus objetivos, a Terminologia Textual busca subsídios teóricos e metodológicos na Linguística Textual.

A Linguística Textual é definida por Koch (2003) como sendo um campo de estudo que se ocupa do texto e, nesse âmbito, o texto é analisado em seus múltiplos aspectos, que vão desde a materialização até o nível do significado. Koch (2003, p. 2-3) explica que, na Linguística Textual, a “*(...) preocupação maior é o texto, envolvendo, pois, todas as ações. Tais questões, contudo, só a interessam na medida em que ajudam a explicar o seu objeto de estudo - o TEXTO - e não a sociedade, a mente, a História, objetos que são de outras ciências afins*”. Como é possível observar, o texto é objeto principal desse campo de estudo, e ele é definido pela mesma autora (2007, p. 27) como:

(...) uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co-enunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva como também a interação (ou atuação) de acordo com a prática sociocultural.

Essa visão afasta-se da materialização pura e simples do texto, que afirma apenas a solidificação e o sentido de sua construção, e absorve aspectos pragmáticos numa concepção comunicativa ampla, cujos resultados parecem mais práticos. Segundo Koch (2011, p. 14), a Linguística Textual, no Brasil, na atualidade, ocupa-se de inúmeras questões sociais e cognitivas relacionadas ao texto, dentre as quais a autora destaca as problemáticas criadas a partir da materialização do texto e, a partir disso, a relação entre o oral e o escrito, conforme se lê no trecho que segue:

⁴ *El vaciado exhaustivo de un corpus heterogéneo de textos especializados es el mejor argumento para defender que la sinonímia forma parte de la comunicación especializada.*

⁵ *La noción de especialidad debería poder definirse a partir de un estudio lingüístico y estructural de los textos.*

Além da ênfase que se vem dando aos processos de organização global dos textos, assumem importância particular as questões de ordem sócio-cognitiva, que envolvem, evidentemente, as da referenciação, inferenciação, acessamento ao conhecimento prévio etc.; o tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita (...).

A partir dessa nova concepção, no Brasil, surgem inúmeros estudos sobre a língua falada e também novos estudos sobre o texto falado, agora tão em voga na Linguística como um todo. Ainda segundo Koch (op.cit., p. 16), as questões que a Linguística Textual vem se colocando, e que se projetam para o futuro, “(...) são as relacionadas com o processamento sócio-cognitivo de textos escritos e falados”.

3. Oralidade e escrita: dicotomia ou contínuo?

Com relação à materialização dos textos, o aspecto oral e escrito é bastante discutido na Linguística Textual (entre aqueles que estudaram a questão estão CHAFE, 1982, e HALLIDAY, 1989) e, agora, em Terminologia. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 11):

Sociólogos, antropólogos, educadores, psicólogos e linguistas têm se debruçado sobre esse assunto e, diante de tanto interesse, era de esperar que as características da fala e da escrita já tivessem sido analisadas exaustivamente, porém, se há muitos trabalhos, a concordância entre eles é pequena.

Sendo desse modo, a comparação entre essas duas modalidades da língua constitui uma das pautas da disciplina.

A Linguística Textual tem tratado o assunto de modos diferentes e tem mostrado novas abordagens. Durante muito tempo, pensou-se no texto escrito como algo completamente diferente do texto falado, não havendo entre eles nenhuma semelhança, o que levou a uma abordagem dicotômica. Conforme se lê em Fávero, Andrade e Aquino (op. cit., p. 11): “A escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”.

Ainda sobre essa abordagem dicotômica, escrevem Rojo e Schneuwly (2006, p. 464):

(...) via-se a fala como desorganizada, variável, heterogênea e a escrita como lógica, racional, estável, homogênea; a fala seria não-planejada e a escrita, planejada e permanente; a fala seria o espaço do erro e a escrita, o da regra e da norma, enquanto a escrita serviria para comunicar à distância no tempo e no espaço; a fala somente aconteceria face a face; a escrita se inscreveria, a fala seria fugaz; a fala é expressão unicamente sonora; a escrita, unicamente gráfica.

Como se vê, a escrita já foi considerada como uma forma contrária à oralidade, obtendo valores e perspectivas mais bem avaliadas, sendo sempre tratada como uma tecnologia mais avançada. No entanto, com o avanço dos entendimentos sobre o papel do texto em nossa sociedade e nas tecnologias, pensou-se mais cuidadosamente sobre as características da fala como um elemento importante no nosso dia-a-dia, evitando-se sobrepor a importância de uma sobre a outra. Sobre isso, alerta Marsusch (1997, p. 134): “Postular algum tipo de supremacia de alguma das modalidades é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa”. Nesse sentido, o autor entende que o papel da oralidade na comunicação cotidiana também é importante e deve ser considerado, pois “A oralidade seria uma prática social que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais que vão desde o mais formal ao mais informal e nos variados contextos de uso” (op.cit., p. 130).

Desse modo, o papel da oralidade na comunicação humana é também colocado em destaque, uma vez que ela é o modo primário dessa comunicação: “Certamente em termos de desenvolvimento humano, a fala é o status primário. Culturalmente, os homens aprendem a falar antes de escrever (...). De uma perspectiva

histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente a primeira” (BIBER apud FÁVERO, ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 13). No mesmo sentido, Marcuschi também evidencia a importância da fala: “A fala seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano” (op.cit., 130). A partir da perspectiva de importância da oralidade, começa-se a compará-la à escrita, passando-se a entender os textos, produzidos sob essas duas formas de materialização da língua, como distribuídos em um contínuo, tendo em vista o uso social da comunicação humana, no qual os textos são peças primordiais.

É relevante também ressaltar que nessa nova perspectiva, a variação é considerada como inerente às duas modalidades. Sobre isso, Marcuschi (op.cit., p. 132) escreve: *“O interessante nessa perspectiva é que a variação se dá tanto na fala quanto na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita como a padronização da língua, ou seja, impediria identificar a escrita como a língua padrão”*. Nesse sentido, vale lembrar que um dos pilares da perspectiva dicotômica entre fala e escrita é a ideia de que a escrita é o padrão e a fala, o não-padrão.

Voltando às questões pragmáticas, vale analisar a perspectiva interacionista da relação entre escrita e fala: essa perspectiva é a que apresenta com maior clareza a relação contínua entre fala e escrita. Essa perspectiva observa o texto como parte importante da interação humana e está mais voltada às questões dialógicas, dando maior evidência à fala. Seus objetivos coadunam com a própria interação, sendo importante o texto tanto em sua face dialógica quanto em sua face monológica; ainda segundo Marcuschi (op.cit., p. 133):

Nessa visão interacional cabem análises de grande relevância que se dedicam a perceber as diversidades das formas textuais produzidas em coautoria (conversações) e formas textuais em autoria (monólogos), que até certo ponto determinam as preferências básicas numa das perspectivas da relação fala e escrita.

Vale destacar com maior evidência o posicionamento atual da Linguística Textual com relação a essa questão: a disciplina, a partir de todas as reflexões já colocadas, entende a materialização do texto como um fator importante e que condiciona as mudanças e as adaptações textuais. As diferentes práticas sociais, nas quais o texto falado e o escrito têm sido utilizados, levam a uma perspectiva além da dicotômica, visto que é possível encontrar muitos textos orais com características da escrita e muitos textos escritos com características da oralidade, criando, assim, uma variedade de gêneros, que apresentam características ambíguas e que condicionam um contínuo tipológico. Nesse sentido, Marcuschi (op.cit., p. 137) postula que:

O contínuo tipológico distingue e correlaciona os textos de cada modalidade quanto às estratégias de formulação textual que determinam o contínuo das características que distinguem as variações das estruturas, seleções lexicais etc. Tanto a fala como a escrita se dão no contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de dois contínuos sobrepostos.

Nessa perspectiva, o texto é analisado no que diz respeito a sua função social, e não no âmbito de uma tipologia engessada, baseada numa dicotomia que não dá conta do objeto-texto da Linguística Textual. Desse modo, ainda conforme Marcuschi (op.cit., p. 139, grifos originais):

(...) as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva do uso e não do sistema. E, neste caso, a determinação da relação fala-escrita torna-se mais congruente levando-se em consideração não o código, mas os usos do código. Central, neste caso, é a eliminação da dicotomia estrita e a sugestão de uma diferenciação gradual ou escalar.

Ressaltem-se também as considerações de Koch sobre o assunto:

Fala e escrita constituem duas modalidades de usos da língua. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas constituem características próprias. Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje. Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas

sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial. (KOCH, 2007, p. 77)

Em suma, pode-se concluir que a tal dicotomia, tão em voga em antigas abordagens, dá vez a uma proposta mais centrada no uso linguístico e nos papéis que os diferentes gêneros textuais podem cumprir na sociedade, sobretudo em tempos de redes sociais, em que a escrita, mais do que nunca, assume características da fala, reforçando o contínuo tipológico concebido pela Linguística Textual.

Para que se continue avançando para os objetivos deste estudo, falta entender como a Terminologia incorporou esses conceitos e quais são os resultados teóricos e metodológicos para a disciplina.

4. Oralidade e escrita em Terminologia: princípios teóricos e metodológicos

Em Terminologia, um *corpus* é definido como: “*Conjunto de fontes orais e escritas relativas ao domínio estudado e que são utilizados em um trabalho terminológico*”⁶ (BOUTIN-QUESNEL ET AL, 1985, p. 20). Assim, o *corpus* terminológico pode ser constituído tanto por textos orais quanto escritos.

Os conceitos pragmático-comunicativos da Linguística Textual refletem-se nos estudos comparatistas entre a oralidade e a escrita especializadas. Seghezzi (2013, p. 71, grifo original) explica que: “*O registro se relaciona com a variação funcional da linguagem, de acordo com seu uso particular em cada situação comunicativa, e consta de três componentes principais: campo, teor e modo*”⁷. Nesse sentido, é importante lembrar que a noção de *campo* faz referência à temática, ao assunto tratado em um discurso; o *teor* faz referência à relação entre os participantes, que pode ser de íntima ou distante, ou ainda, formal ou informal; por fim, o *modo* faz referência ao canal comunicativo, ou seja, a materialização da mensagem, que pode ser por meio da oralidade ou a da escrita. Neste particular, a noção de *modo* também pode significar gênero do texto, ou seja, o tipo de texto utilizado pelo falante para fazer chegar sua mensagem.

É na noção de *modo* que a Linguística Textual dá sua grande contribuição à Terminologia, porque, nesse conceito, expande-se o canal comunicativo na forma clássica, escrito e oral, para o contínuo empregado pela Linguística Textual, que é o da oralidade-escrita.

*(...) o modo de registro vai além da mera dicotomia entre o escrito e o oral; é uma noção ampla que inclui o canal como sistema físico de transmissão de um texto e as convenções de gênero. Ele implica que o modo é composto de uma lista (aberta) de fatores contextuais provenientes das situações de produção e recepção dos textos – que também influenciam na forma final dos textos escritos e orais – os quais se devem considerar junto com os outros componentes do registro*⁸. (SEGHEZZI, 2013, p. 71, grifos originais)

Faz-se importante frisar que, na comparação entre texto oral e escrito, especialmente em Terminologia, a materialização é só uma das barreiras a serem enfrentadas, tendo em vista que outros fatores estão na esteira dessa comparação; nesse sentido, os estudos da gradação entre a oralidade e a escrita mostram que o canal comunicativo não é preponderante para diferenciar textos orais e escritos, tendo em visto o conceito de *canal*. Nesse contexto, entende-se que a diferença entre oralidade e escrita nucleia-se na materialização, sendo, em alguns casos, o único fator que pode diferenciá-las, conforme se observa, no quadro que se segue, adaptado de Seghezzi (2013):

⁶ *Ensemble des sources orales et écrites relatives au domaine étudié et qui sont utilisées dans un travail terminologique.*

⁷ *El registro se relaciona con la variación funcional del lenguaje, de acuerdo con su uso particular en cada situación comunicativa, y consta de tres componentes principales: campo, tenor y modo.*

⁸ *(...) el modo del registro va más allá de la mera dicotomía entre lo escrito y lo oral; es una noción amplia que incluye el canal como sistema físico de transmisión de un texto y las convenciones de género. Ello implica que el modo se compone de una lista (abierto) de factores contextuales provenientes de las situaciones de producción y recepción de los textos –que también influyen en la forma final de los textos escritos y orales–, los cuales se deben considerar junto con los demás componentes del registro.*

MODO	ORAL COLOQUIAL	ORAL FORMAL
PARÂMETROS CONTEXTUAIS	acústico	
	Informal	formal
	geral	específico
	espontâneo	preparado
	dialogado	monologado
	subjetivo	objetivo
	simultâneo	não-simultâneo
	interativo	informativo
	privado	público
		gráfico
MODO	ESCRITO PRÓXIMO AO ORAL	ESCRITO PROTOTÍPICO

Tabela 1. Os modos oral e escrito, adaptado de Seghezzi (2013).

Como se verifica, os modos *oral coloquial* e *escrito próximo ao oral* compartilham das mesmas características, da mesma maneira que o modo *oral formal* e o *escrito prototípico*, sendo o fator material, acústico e gráfico, o único ponto em que esses modos se diferenciam. Em outras palavras, ao mesmo tempo que o *oral coloquial* (um bate-papo, por exemplo) apresenta fatores como informal e espontâneo, o texto *escrito próximo ao oral* (uma troca de mensagens no WhatsApp, por exemplo) também é informal e espontâneo, só se diferenciando porque é gráfico. Se se transporta tal noção para outros gêneros, como os acadêmicos especializados, tem-se os mesmos resultados, embora outros fatores, como contexto e grau de especialização, sejam fatores que podem apresentar alguma interferência. Por exemplo, em uma conferência ou em uma palestra, embora, muitas vezes, o autor possa ter o conteúdo da palestra escrito, dificilmente a fala do conferencista seguirá, à risca, o texto escrito, podendo apresentar, simultaneamente, marcas da oralidade (espontaneidade, dialogismo) e da escrita (formalidade, planejamento).

A partir dessas considerações, Seghezzi (2013, p. 73) conclui que:

*(...) é possível estabelecer que as semelhanças e diferenças entre os textos escritos e orais especializados se relacionem principalmente com os seguintes aspectos: a formalidade, o planejamento e as condições de produção. Resumidamente, o texto escrito e oral especializado se assemelha enquanto são textos formais e planejados, mas diferenciam-se em suas características físicas e contextuais de produção.*⁹

Desse modo, também se conclui que o *canal* (oral e escrito), quando se trata de textos especializados, não é um fator que impede a análise. Desse modo, pode ser feita uma comparação entre textos materialmente diferentes. Uma grande diferença, entretanto, se poderá observar ao se levar em consideração outros fatores, como o *campo* e o *teor*.

Como já referido, o teor faz alusão à relação entre os falantes; esta pode ser íntima ou não, estabelecer-se entre subalterno e chefe ou não, ou ainda entre falantes com diferentes níveis de especialização. Neste último sentido, a variação se dá em direção à adaptação lexical feita pelo interlocutor, que pode ser gradual, no sentido de uma adaptação levando em consideração o nível de formação intelectual-acadêmica do seu receptor, ou seja, se a mensagem for destinada a um público acadêmico par, entram em cena os textos altamente especializados, dotados de uma terminologia precisa e de expressões científicas próprias de um grupo social; por outro lado, se a comunicação for destinada a um grupo menos

⁹ *es posible establecer que las similitudes y diferencias entre los textos escritos y orales especializados se relacionan principalmente con los siguientes aspectos: la formalidad, la planificación y las condiciones de producción. En breve, los textos escritos y orales especializados se asemejan en cuanto son textos formales y planificados, pero se diferencian en sus características físicas y contextuales de producción.*

especializado ou geral, o texto será dotado de uma terminologia menos específica e de paráfrases e com expressões metafóricas com as quais o texto pode ficar mais claro para os interlocutores, que podem ser profissionais com menor nível de formação.

O *campo*, por sua vez, está relacionado à temática. Uma temática pode apresentar-se por meio de diferentes textos, com níveis de precisão igualmente diferentes, ou seja, o nível de abstração de um texto pode apresentar-se em vários graus, no entanto, o tema permanece o mesmo. No caso do estudo em questão, há dois grupos de especialistas diferentes, sendo um acadêmico e o outro popular. De qualquer modo, os dois trabalham com um só tema, a cana-de-açúcar. Dito de outra forma, os dois tratam do mesmo tema por meio de conhecimentos, gêneros textuais e canais diferentes.

A partir dos conceitos de canal, teor e campo, os textos orais e escritos especializados são tratados como distribuídos em um contínuo e devem ser observados a partir dessa relação, dando maior embasamento teórico e metodológico aos estudos terminológicos orais.

5. Um contínuo terminológico da cana-de-açúcar

Levando-se em consideração todos os conceitos que foram até agora rapidamente demonstrados neste estudo e seguindo a analogia do contínuo tipológico da Linguística Textual, que classifica os diferentes textos e os diferentes gêneros textuais em um contínuo entre a oralidade e a escrita, apresenta-se a análise resultante das comparações até agora feitas no estudo da terminologia de dois grupos de especialistas que trabalham com a terminologia da cana-de-açúcar no Brasil.

Nesse sentido, cabe esclarecer que os dados aqui apresentados são de um banco de dados produzido a partir de textos de duas naturezas: orais e escritos. Os textos escritos foram produzidos em âmbito acadêmico; os textos orais foram recolhidos a partir de entrevistas com profissionais que plantam e beneficiam a cana-de-açúcar de modo artesanal, pouco tecnológico. Para especificar ainda mais o *corpus* utilizado, tem-se textos produzidos e publicados no Brasil, durante os primeiros 12 anos do século 21, produzidos por especialistas com alto grau de especialização na cultura de cana-de-açúcar, em forma de teses, dissertações, artigos científicos e relatórios técnicos produzidos em centros de ensino e pesquisa em Agronomia no Brasil, como os Programas de Pós-Graduação em Agronomia dos estados do Nordeste, Centro-Sul e Sul do Brasil, regiões de maior expressão na pesquisa e no ensino da Agronomia relacionada à cana-de-açúcar. Além desses textos, há também aqueles que constituem o *corpus* oral, que são entrevistas com micro- e pequenos agricultores de cana-de-açúcar do Nordeste. O *corpus* oral é composto por 21 entrevistas com agricultores de baixo grau de escolaridade, produzidas no ano de 2011, que foram transcritas para posterior processamento.

Para a coleta dos candidatos a termos, os textos foram processados com o auxílio do *software* livre *Antconc*. Os *corpora* foram organizados em dois grupos, denominados “Agrônomo” e “Agricultor”. Ao todo, no *corpus* escrito (constituído por 443.233 tokens e 30.496 types), foram coletados 311 termos. No *corpus* oral (constituído por 11.695 tokens e 1.614 types), foram coletados 128 termos. Deve-se ressaltar que a diferença no tamanho dos *corpora* deve-se à maior quantidade de textos escritos disponíveis sobre o tema e, aqui, houve já um desafio a se enfrentar, dado que, com um maior número de textos, encontra-se um maior número de termos, como se pôde verificar. Além disso, nos textos dos agrônomos (escritos), há aspectos científicos e tecnológicos detalhados – por exemplo, as diferentes espécies de planta, modificadas geneticamente, para maior produtividade –, que não estão presentes nos textos dos pequenos agricultores, e isso se colocou como outro desafio. Para trabalhar, então, com essas diferenças, optou-se por partir-se da realidade vivenciada e denominada pelos agricultores para poder tecer comparações com as denominações utilizadas pelos agrônomos.

Neste artigo, fez-se, então, para demonstrar os resultados a que se pôde chegar, diante desses desafios, a seleção de um dos campos conceituais partilhados pelos dois grupos socioprofissionais, em que se poderá observar a variação denominativa dos conceitos, que, do ponto de vista dos autores deste trabalho, reflete também uma variação conceitual do universo em tela. Trata-se do campo conceitual da produção de

rapadura no Brasil, que pode ser desenvolvida tanto de forma artesanal, por pequenos agricultores, quanto em escala industrial, utilizando-se de técnicas desenvolvidas por meio de estudos empreendidos no âmbito de universidades e de institutos de pesquisa.

Em relação ao agricultor, encontram-se os seguintes processos que se exprimem por meio de termos específicos: o *lambiqueiro* (denominação dada pelos agricultores à pessoa que beneficia o caldo de cana), após *preisar* (esmagar a cana até tirar o caldo da planta), coloca o caldo, ou a *garapa*, em um *forno* (panela de aço ou cobre sustentada por uma construção cuja base serve para queimar madeira) onde é mexido com uma *espátula*, que pode ser de madeira ou alumínio, até ficar quente a uma temperatura (medida em *graus*) e um nível de pureza específicos. Após algumas horas no *forno*, o caldo, já em um formato compacto, é colocado em formas de madeira para esfriar; após o esfriamento, o caldo transforma-se em *tijolos* duros e consistentes. Esse conjunto de processos e termos utilizados na explicação constitui uma parte de um conhecimento e de um léxico específicos, que pertencem ao universo artesanal da cana-de-açúcar.

Na produção industrial de rapadura, por outro lado, há inúmeros tipos de rapadura (assim como na produção artesanal) que são denominadas *rapadura pura*, *mista*, *tradicional*, *grande*, *pequena* e *rapadurinha*. A produção industrial da rapadura pura, por exemplo, inicia-se com a *redução da acidez* do caldo com leite de cal e com o acompanhamento do nível de acidez, que tem um nível preferencial de pH acima de 7,0. Em seguida, o caldo é *clarificado*, ou seja, é limpo com uma *escumadeira* (utensílio que tem um formato de cuia) com o qual são retirados os dejetos do caldo. Após a *clarificação*, o caldo é *concentrado*, ou seja, a parte líquida do caldo é reduzida, ficando mais consistente. Essa consistência é alcançada quando o caldo alcança a medida entre 82 e 84 no *índice Brix*; nessa medida, o açúcar do caldo cristaliza-se, chegando ao ponto de *determinação*, transformando-se em uma *massa* moldável; essa massa moldável é colocada em uma grande forma (*gamelão*) e mexida em banho-maria com movimentos contínuos, alcançando o *ponto de cristalização*. Após o *ponto de cristalização*, a massa torna-se compacta e brilhosa e é cortada com *lâminas* ou com *régua modeladoras*. Após 60 minutos, a massa torna-se dura e, após mais 60 minutos, os *tijolos* feitos com a régua modeladora ou com as lâminas são embalados.

A Tabela 1, a seguir, produzida a partir desta investigação, mostra uma comparação entre os termos utilizados pelos dois especialistas na preparação da rapadura.

PRODUÇÃO DE RAPADURA	
AGRICULTOR	AGRÔNOMO
Caldo/garapa	Caldo/garapa
Lambiqueiro	
	Redução de acidez
	Clarificação
	Escumadeira
Prensar	
Forno	
	Concentrado
Grau	
	Índice Brix
Espátula	
	Determinação
	Gamelão
	Ponto de cristalização
	Lâmina
	Régua modeladora
Tijolo	Tijolo

Tabela 2. Tabela comparativa entre as terminologias utilizadas pelo agrônomo e pelo agricultor.
Fonte: Os autores, 2015

A Tabela acima demonstra, do lado esquerdo, o conjunto de termos relacionados à produção de rapadura utilizada pelos agricultores e, do lado direito, estão os utilizados pelos agrônomos. Note-se que, enquanto os agricultores denominam sete conceitos, os agrônomos denominam doze – as lacunas existentes na Tabela expressam a ausência de termos para os conceitos. Essas lacunas são numerosas devido à diferença nas técnicas utilizadas para a obtenção do produto, além de que, na produção industrial, há uma preocupação maior com a apresentação do produto, que visa a ser comercializado em todo o país e até a ser exportado; assim, há a preocupação em se diminuir a acidez, em clarificar o produto e em produzi-lo em tamanhos padronizados, por exemplo. Nesse sentido, os agrônomos apresentam inclusive conceitos articulados com as ciências químicas, como o *índice brix*, que mede a concentração de matéria sólida no caldo, e a *redução de acidez*, feita a partir do acréscimo de produtos químicos que ajudam no controle do nível de acidez do caldo. Desse modo, a presença ou não de alguns termos, a supressão de algumas fases para a produção da rapadura são mostras de uma variação que é também conceitual. Não obstante a essas constatações, observam-se também semelhanças nas denominações e até nas variações (verifiquem-se os usos de *caldo* e *garapa*, como variações para o mesmo conceito, e o termo *tijolo*).

Diante desses dados, que representam uma pequena parte da terminologia da cana-de-açúcar e que se pretendem mais exemplificadores, chegou-se (também à luz dos referenciais teóricos sobre oralidade e escrita) a uma proposta de um contínuo terminológico do universo da cana-de-açúcar: nesse contínuo, se observam abstrações diferentes de um mesmo tema, ou seja, uma situação na qual dois grupos de especialistas em um mesmo assunto têm diferentes modos de abstração sobre o tema e diferentes modos de representação lexical desses conceitos, utilizando-se, por isso, uma terminologia própria, que apresenta, todavia, em alguns pontos, intersecções com a terminologia usada pelo outro grupo. Desse modo, traça-se uma linha imaginária na qual estão dispostos os dois grupos de especialistas que apresentam diferentes abstrações do conhecimento especializado. Tal linha, para os efeitos deste estudo, será denominada *contínuo terminológico da cana-de-açúcar*.

O contínuo é considerado terminológico porque apresenta, em seus extremos, dois especialistas com alto grau de conhecimento, embora um seja acadêmico e o outro não-acadêmico, um utilize-se de textos escritos (e orais) e outro utilize-se de textos quase que exclusivamente orais.

Tendo em conta as diferenças e semelhanças entre a terminologia utilizada por esses dois grupos de especialistas no mesmo universo, a figura que segue, ilustra o pensamento aqui proposto.

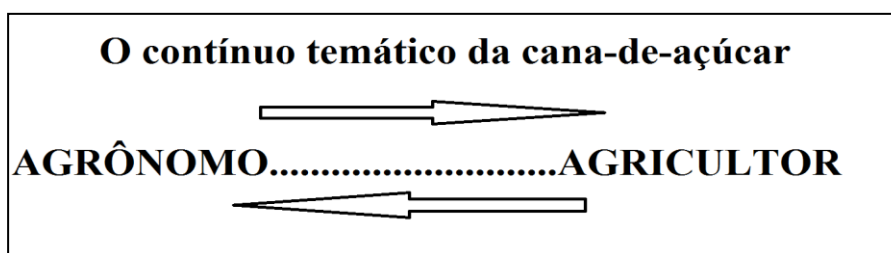


Figura 1. O contínuo terminológico da cana-de-açúcar.
Fonte: Serra, 2015.

Pensar em um contínuo terminológico de conhecimentos diferentes apresenta-se como um importante meio de comparar conhecimentos que, embora tenham abstrações diferentes, revelem uma temática semelhante. Essa proposta apresenta-se bastante interessante, principalmente em estudos agroextrativistas e culturais, nos quais o conhecimento popular e o acadêmico estão sempre se relacionando. No caso do conhecimento agroextrativista, tem-se uma relação bastante próxima entre o técnico e o agrônomo, na qual o primeiro sempre presta assessoria ao segundo nas plantações populares do País. Essa relação, do ponto de vista terminológico, é bastante interessante, porque está na base de uma variação denominativa interessante.

Faz-se necessário agora analisar as partes do contínuo. No extremo direito, tem-se o conhecimento empírico e não-acadêmico do micro- e pequeno agricultor de cana-de-açúcar, que partilha, geralmente, o

conhecimento empírico da plantação, trato e colheita da cana-de-açúcar com o de outras culturas, como o de milho, arroz e de muitas hortaliças. Com relação ao conhecimento sobre a cana-de-açúcar, o agricultor apresenta técnicas artesanais, dotadas de um conhecimento empírico-prático que um leigo não conhece. As técnicas são precisas e perseguem um bom resultado, que é primordial para uma boa produção e um bom rendimento dos produtos populares beneficiados a partir da cana, como a cachaça, a rapadura e o melado. Do lado esquerdo do contínuo, tem-se o conhecimento do técnico agrícola, o agrônomo. Esse conhecimento revela um alto nível de tecnicidade, com quase nenhum espaço para trabalho manual com a plantação e o beneficiamento dos produtos, e resulta de um conjunto infinito de pesquisas científicas, produzidas por pesquisadores com alto nível de escolaridade e de treinamento, em diferentes centros de pesquisa do Brasil e do mundo. O conhecimento agrônomo tem inúmeras relações com diferentes campos de conhecimento, principalmente com a Química, a Física, a Biologia e com a Informática. Inúmeras fórmulas matemáticas e programas computacionais acompanham cada fase do desenvolvimento vegetativo da planta na fase de plantio e desenvolvimento. Nos canaviais, por exemplo, são aplicados inúmeras técnicas e produtos químicos que auxiliam a combater as pragas e as doenças das plantas, garantindo uma produção maior e com maior qualidade do canavial como um todo. Entre os extremos desse contínuo, podem ser alocados outros grupos socioprofissionais que também estão envolvidos nesse universo, por exemplo, comerciantes dos produtos da cana-de-açúcar, latifundiários que se dedicam ao cultivo da cana, grupos profissionais das usinas de beneficiamento da cana, entre outros.

Assim, o contínuo terminológico mostra que, no caso desta pesquisa, embora haja dois conhecimentos (concebidos conceitualmente de modos diferentes) e, conseqüentemente, de léxicos especializados diferentes, o conjunto das unidades terminológicas dos diferentes grupos não é dicotômico, mas expressa a variação, a complementaridade e a semelhança.

Nesse mesmo sentido, é importante frisar também que o conhecimento dos dois especialistas não pode ser considerado hierarquicamente, ou seja, o conhecimento de um não deve ser mais bem avaliado do que o do outro, mas constituem formas diferentes de conhecimento.

6. Últimas Considerações

As reflexões e os exemplos apresentados neste artigo são parte de um estudo empreendido sobre a variação existente na terminologia da cana-de-açúcar no Brasil utilizada por dois grupos de especialistas diferentes: o agrônomo e o agricultor. A pesquisa tem mostrado a relevância da intersecção entre a Terminologia e a Linguística Textual. Refletir sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da Linguística Textual tem se mostrado um percurso interessante para esta pesquisa, abrindo uma possibilidade de trabalho desafiadora e promissora.

Os resultados obtidos e a proposta do contínuo temático mostram que o conhecimento especializado, assim como o léxico, pode variar, e essa variação tem que ser levada em consideração quando se reflete sobre os universos especializados, conforme assegura a Teoria Comunicativa da Terminologia. Com a proposta do contínuo, pode-se ter um modelo com o qual se possa refletir acerca da multiplicidade do conhecimento especializado.

Com este estudo, espera-se apresentar uma modesta contribuição para os estudos terminológicos, sobretudo para a valorização e o respeito com o conhecimento e os usos lexicais produzidos fora da academia e dos institutos de pesquisa.

Referências bibliográficas

Boutin-Quesnel, R.; Bélanger, N.; Kerpan, N.; Rousseau, L.-J. (1985). *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications de Québec.

- Cabré, M. T. (1999). *La Terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada.
- Chafe, W. (1982). Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. En: tannem, D. (ed.). *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood: N.J.Ablex.
- Ciapuscio, G. E. (1988). El cable de divulgación científica: su estructura formal. *Lenguas Modernas*, 15, 77-94.
- Ciapuscio, G. E. (1989). El texto de divulgación científica: un análisis semântico. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 27, 23-36.
- Ciapuscio, G. E. (1998). La Terminología desde el punto de vista textual: selección, tratamiento y variación. *Organon*, 26, 1-15.
- Ciapuscio, G. E. (2003). *Texto especializado y Terminología*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada.
- Fávero, L. L.; Andrade, M. L. da; Oliveira C. V. de; aquino, Z. G. O. de (2012). *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8ª ed. São Paulo: Cortez.
- Halliday, M. A. K. (1989). *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press.
- Koch, I. V. (2007). *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª ed. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. V. (1997). O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 15, 165-180.
- Koch, I. V. (2001). Linguística Textual: quo vadis? *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 17 (Especial), 11-23.
- Koch, I. V. (2003). Lingüística Textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, 1 (1), 1-4.
- Krieger, M. G. (2004). Do reconhecimento de terminologias: entre o lingüístico e o textual. En: isquierdo, A.n.; krieger, M. G. *As ciências do léxico*. Vol. II. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Kocourek, R. (1991). Textes et termes. *Meta: journal des traducteurs*, 36 (1), 71-76.
- Lerat, P. (1995). *Las lenguas especializadas*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A.
- Marcuschi, L. A. (1997). Oralidade e escrita. *Signótica*, 9 (1), 119-145.
- Rojo, R.; Schneuwly, B. (2006). As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. *Linguagem em (Dis)curso*, 3(6), 463-493.
- Seghezzi, N. (2013). Variación terminológica: de la escritura a la oralidad. *Debate Terminológico*, 9, 62-80.
- Serra, L. H. (2011). *O glossário eletrônico da cana-de-açúcar do Maranhão*. São Luís. 100f. Monografia (Licenciado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Maranhão.
- Serra, L. H. (2014). *O universo terminológico da cana-de-açúcar em duas perspectivas: o agrônomo e o agricultor*. 2014. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia,

Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-12062015-111600/> [Consulta: 02-08-2015]